reflexões sobre
ARTE visual
v.7 n.15 agosto 2026

Escrita Assêmica e Arte Visual.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

*

ISSN **2764-1279**

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

A marca institucional foi retirada por conta da legislação eleitoral vigente

Edição:

Reflexões Vol.7, No.15, agosto 2026 – *Escrita Assêmica e Arte Visual.*

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Isaac: detalhe de texto anotações.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista autoral.
É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.
O acesso é público e gratuito.
Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.
Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos, proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

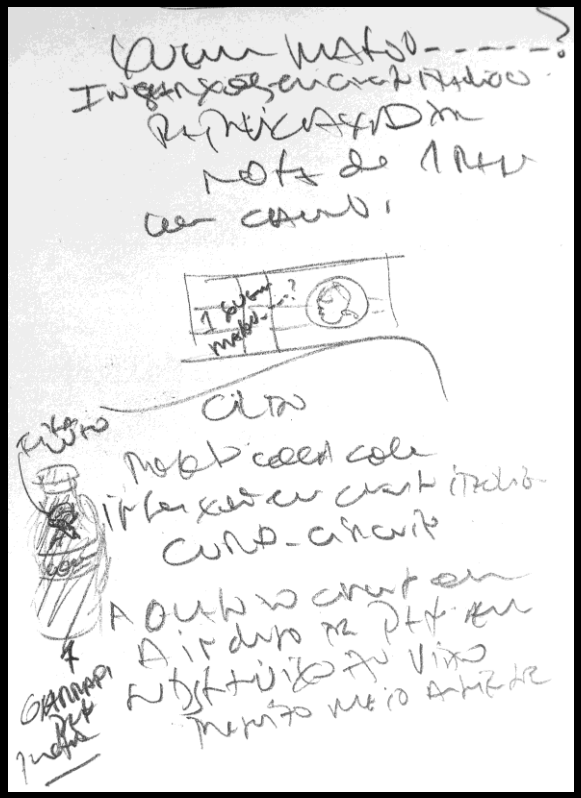
A imagem de fundo da capa dessa Reflexão é um fragmento de uma de minhas anotações. Sempre achei que minha letra fosse quase Assêmica, pois está mais próxima de garranchos emaranhados do que da escrita propriamente dita. Quando comecei a ser alfabetizado, a necessidade de legibilidade levou meus professores a me prescreverem o uso de Cadernos de Caligrafia. O que passou a ser um exercício obrigatório nos meus primeiros anos escolares.

Eram páginas e páginas de exercício e, aos poucos, minha letra foi se transformando e se tornando cada vez... pior!

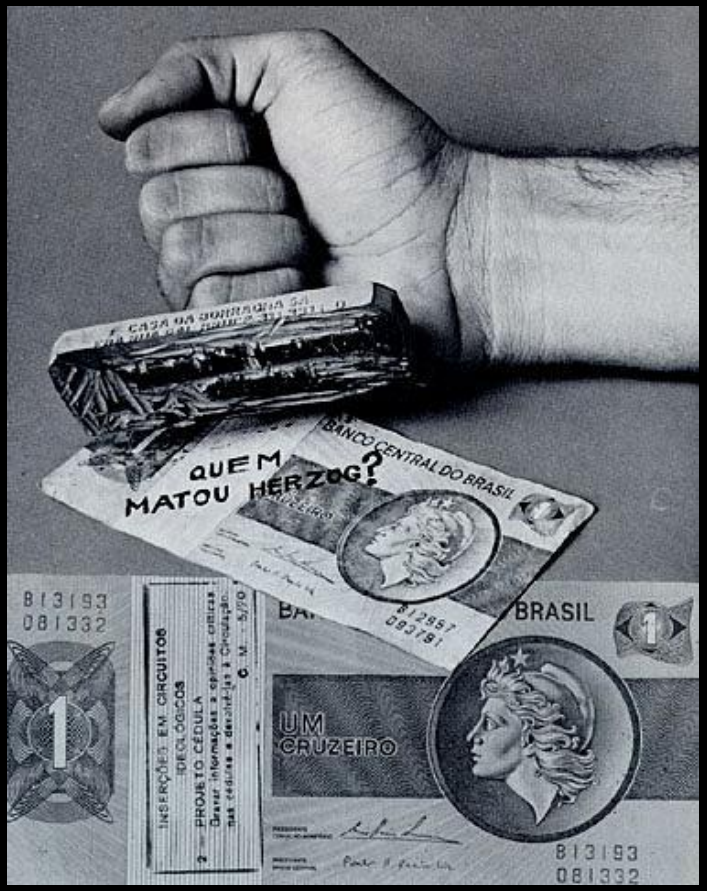
Quem sabe isto decorresse de uma dislexia ou impaciência mesmo já que não conseguia fazer com que a mão acompanhasse o pensamento, daí a letra “feia” e a consequente frustração.

Mais de uma vez professores me solicitavam a “tradução” do que havia escrito como resposta nas provas correndo o risco de receber as piores notas.

Em geral, no processo de alfabetização, o uso de letra “corrente” e manuscrita é essencial tanto para o letramento, quanto para desenvolver as habilidades de psicomotricidade fina. Devo dizer em defesa de meus professores que se as preocupações decorriam da psicomotricidade, isto foi resolvido, pois lido muito bem com ela. Meu trabalho com Arte Visual inclui várias habilidades nos diferentes processos que desenvolvo, portanto, o que não consegui resolver com minha letra resolvi por outros caminhos.



Em geral minhas anotações não são criadas para serem lidas, mas para serem “lembradas”... e aí surge outro problema: quando anoto leio, depois... não lembro.



A título de exemplo, a anotação que mostrei antes é relativa a uma das proposições que desenvolvi sobre reoperações de obras de Arte de outros artistas e, no caso, são referentes a duas obras de Cildo Meireles da Série "*Inserções em Circuitos Ideológicos*": *Projeto Coca Cola* e *Projeto Cédulas*. A letra é ilegível, mas as propostas foram realizadas.

*“**Curto-Circuito**”*
Garrafas P.E.T. de Refrigerante tingida de preto com mapas de degradação ambiental provocada por plástico de garrafas. Uma “reversão” da ideia de Cildo.

*“**Quem Matou**: _____”?*
Objeto Expositivo: Cédula de um cruzeiro fora de circulação, carimbada e emoldurada frente/verso, mostrando as duas faces da nota com a mesma inscrição: “Quem Matou:_____?” para acrescentar o nome do “momento”.

A reoperação da obra *Coca Cola* resultou na obra "*Curto Circuito*" na qual Cildo recorria ao processo de reutilização de garrafas de vidro de refrigerante como suporte para a veiculação de informações e orientações destinadas ao público consumidor no intuito de instaurar um diálogo sobre as condições sociopolíticas, no período da ditadura militar, colocando em xeque questões relativas à censura e controle de informações. É o mesmo caso da inscrição em notas de cédulas de dinheiro circulante.

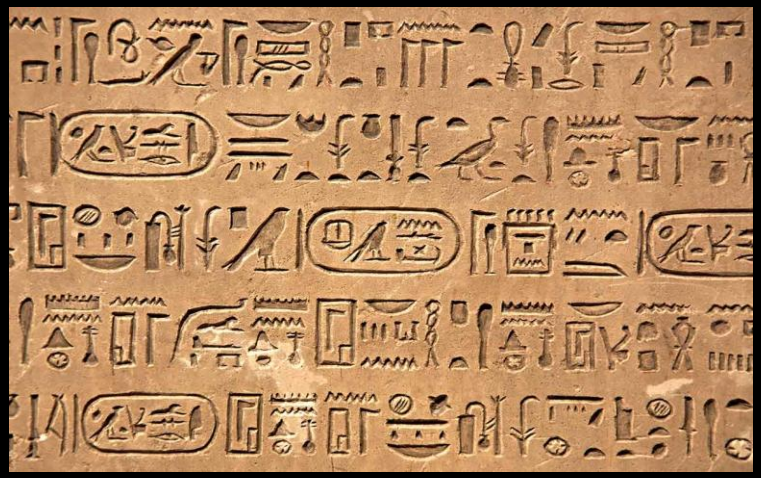
No caso Cildo questionava a responsabilidade da morte de um jornalista preso e sob a guarda do Estado. No primeiro caso trabalhei a questão de que o uso de garrafas de vidro reutilizáveis foi substituído por garrafas de plástico recicláveis, coisa que nem sempre ocorre, dai a ideia de quebra do circuito. No caso da cédula, a opção foi deixar um espaço em branco para que fosse preenchido por algum nome cuja morte, de acordo com as circunstâncias, não estivessem esclarecidas.

Ao longo do tempo o ser humano se dedicou a criar sistemas de signos que pudessem ser usados para estabelecer relações de comunicação entre pessoas de um mesmo grupo. Convertendo em signos a fala e o pensamento. Para tanto o sistema passível de codificação e decodificação sem deixar margens de dúvida ou de interpretação dentro do grupo, da civilização ou da cultura assim surgiu a escrita. A história dos primeiros registros inclui a Escrita *Cuneiforne*.

A escrita cuneiforme surgiu na Mesopotâmia, por volta de 3200 a.C., criada pelos sumérios. Foi o primeiro sistema de escrita da humanidade, elaborado por meio de um instrumento de madeira com ponta em forma de cunha, daí a ideia de “cuneiforme” que imprimia pequenos triângulos em tabletes de argila. Mais tarde evoluiu para pictogramas e depois logográfico/silábico.

Quando não se conhece a origem, um processo de codificação parece uma escrita “Assêmica”, ou seja, sem significação, sentido ou tradução. Foi o que aconteceu durante milênios com a escrita dos egípcios: os Hieróglifos. A palavra vem do grego *hierós* (sagrado) + *glýphein* (escrita). Considerada pelos egípcios como “palavras dos deuses”. Os registros mais antigos datam de cerca de 3200 a.C. Inicialmente restrita a contextos religiosos e monumentais, depois usada no cotidiano.

Surgiu por volta de 3000 a.C. composta por cerca de mil símbolos. Ela dividia-se em três sistemas principais: os hieróglifos usados em templos e túmulos, a hierática, uma versão cursiva e rápida para papiros, e a demótica uma simplificação popular para o dia a dia. Os sinais utilizados eram: Pictogramas: desenhos que representando objetos, coisas e animais; Ideogramas: símbolos de ideias abstratas como vida, morte, poder; Fonogramas: que representam sons da fala; Determinativos: indicadores de sentido.



Como se percebe, este conjunto de imagens não se parecia com uma escrita.

Apenas no século XIX, graças à Champollion, foi descoberta a Pedra de Roseta: uma peça que continha um texto escrito em demótico e hieróglifos de origem egípcia e traduzidas no grego, assim foi possível entender os diferentes aspectos culturais, religiosos e políticos daquela civilização. O mesmo pode ser dito de outras línguas como as do extremo ou médio oriente cujas formas desafiaram a compreensão da cultura ocidental de matriz greco-romana. Pode-se dizer que uma escrita não traduzível ou ininteligível é Assêmica...

Como se vê, nem sempre as palavras são essenciais ou a letra bonita importa na construção de sentido. A Escrita Assêmica, portanto, opera justamente na linha oposta à clareza e distinção dos signos verbais ou ideográficos construídos para gerar significação. É na ausência ou no completo afastamento da significação linguística e semântica que a Escrita Assêmica opera. Assim sendo ela não faz parte da escrita enquanto sistema de signos linguísticos codificados sintática e semanticamente.

A qualidade criativa, expressiva e significativa que ampara o recurso de criar obras cuja aparência se assemelha à escrita manual é justamente o “efeito simulado” pela grafia que produz um estado de estranhamento ou “quebra de contrato”, pois quando se tenta ler, percebe-se o engano ao qual se foi induzido. Esta é a intenção ou tensão provocada por este tipo de manifestação. É o mesmo efeito que se têm quando de depara com um texto numa língua que não se domina.

Para usar uma exemplificação bem singela, é possível comparar a palavra a uma imagem figurativa, como um texto a uma cena alegórica, do mesmo modo que é possível comparar a escrita Assêmica às manifestações abstratas nas quais as formas, cores e texturas têm sentidos próprios e não previamente definidos. No contexto da Arte Visual é possível inferir sentidos diretos das imagens quando elas representam coisas conhecidas e, no caso das abstrações, os sentidos são subliminares ou Assêmicos.

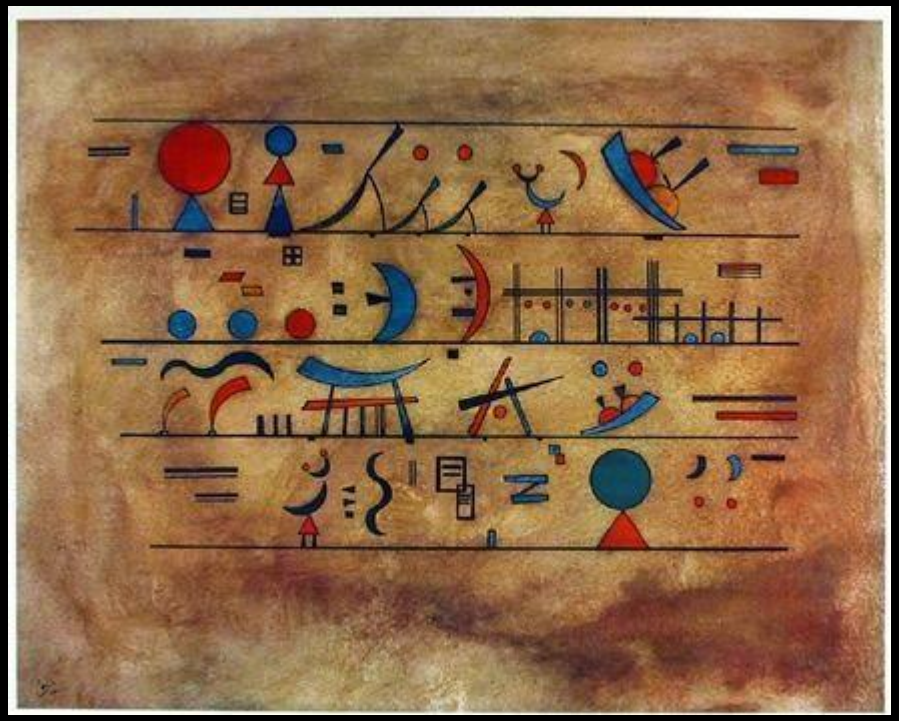
Nessa linha de raciocínio, criar imagens assemelhadas à escrita, sem que funcionem como escrita de fato, passou a fazer parte das manifestações de muitos artistas em vários momentos. A escrita Assêmica se manifesta como um processo híbrido onde texto e imagem estão integrados numa unidade visual onde não há qualquer conteúdo semântico, mas estético, a estrutura gráfica, disposição espacial e a sinuosidade da escrita permanece e sugere isso.

A escrita Assêmica liberta-se das normas gramaticais e das palavras legíveis, transformando o observador em um cocriador que participa da obra interativamente, criando significados por meio de sua intuição estética. Ele pode atuar com um grafoscopista ou também um grafólogo. A grafoscopia é técnica de busca da veracidade e autoria de uma assinatura ou documento de acordo com um autor, o grafólogo analisa a personalidade da pessoa pelas características de sua escrita.

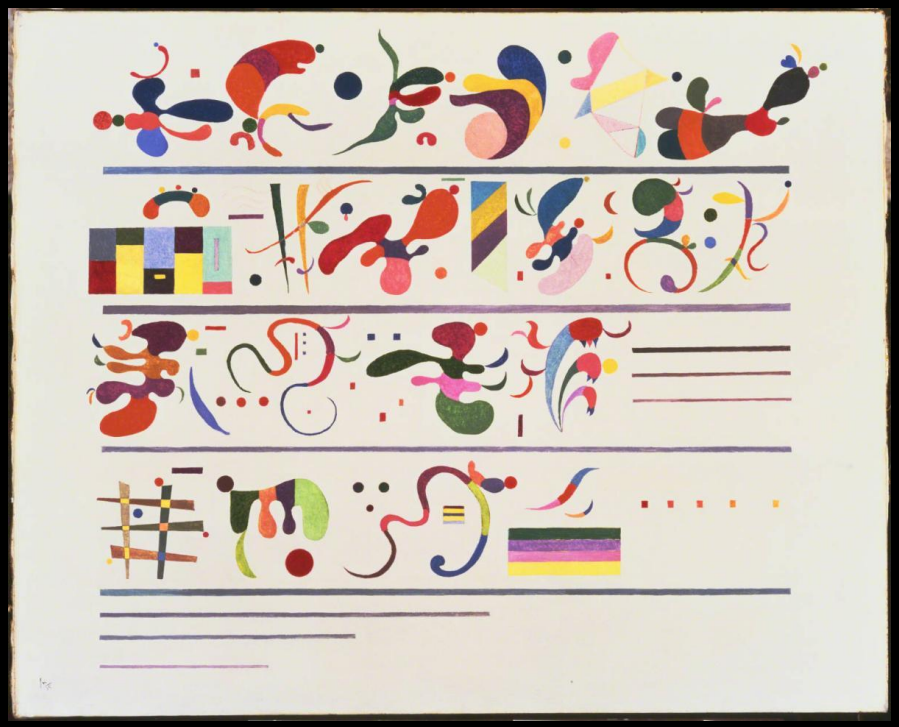
Embora o termo Assêmico venha se consolidando no contexto da Arte desde o século XX, os primeiros registros gráfico ilegíveis e intencionais, surgiram séculos atrás. Há notícias de que os calígrafos chineses Zhang Xu, conhecido pela caligrafia espontânea e o monge Huaisu, ambos da Dinastia Tang, século VIII, desenvolveram estilos de escrita cursiva tão abstratos e fluidos que se tornaram ilegíveis, mas por meio delas era possível acessar a energia gestual, quase performática.

Na Idade Média e Renascimento era comum usar em decorações imitações de inscrições árabes. Como se sabe, nas religiões desta origem não são utilizadas figuras, neste caso os templos têm suas paredes recobertas por inscrições sagradas. Então os artesãos europeus se especializaram em imitar aquela escrita sem que tivessem qualquer conteúdo semântico, mas eram úteis no contexto ornamental dos espaços. Enfim uma suposta escrita que, na verdade, era Assêmica.

Giotto, detalhe de Madona com o Menino, 1320, Galeria Nacional, Washington D.C. no véu é possível ver imagens imitando a escrita árabe, chamada de Pseudo-Cúficu, usada para ornamentação e decoração.



Wassily Kandinsky também foi um dos primeiros artistas modernos a explorar a escrita assemântica ou assêmica na obra linear *Indian Story,* de 1931, exemplificando a abstração textual.



Sucessão, outra obra Kandinsky, explora a "escrita" por meio de figuras não convencionais usando formas e símbolos que dançam ao longo de quatro campos horizontais lembrando notação musical.

O Letrismo, movimento fundado em Paris em 1945 pelo artista e escritor romeno Isidore Isou, era baseado na desconstrução da linguagem e da arte. Segundo Roland Sabatier, a pintura letrista é baseada na organização de todos os signos da comunicação visual: alfabéticos, lexicais e ideográficos, possíveis ou inventados. Chamada também de "hipergrafia“. Uma tentativa de escapar tanto da arte figurativa, quanto abstrata reduzindo tudo à unidades mínimas como letras e símbolos gráficos.

Isidore Isou, "Sinais Fauves", 1961. Óleo sobre tela, Centro Pompidou, Paris.

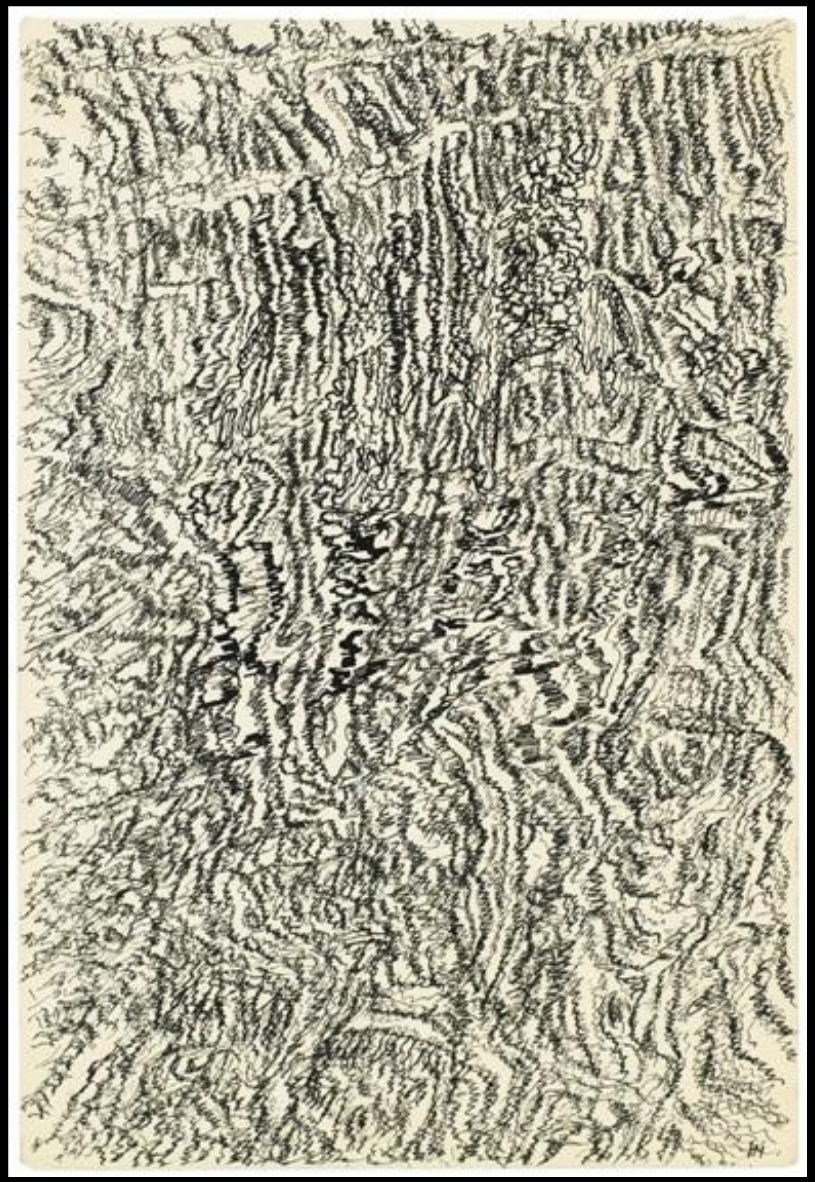
Brion Gysin, artista multidisciplinar, atuou na conexão entre literatura e arte visual dissolvendo as fronteiras entre a escrita e a abstração. Sua obras eram baseadas na caligrafia abstrata, fundindo linguagem e arte em formas geométricas e texturas rítmicas.

Brion Gysin, *Sem título*, 1959

O grupo japonês *Bokujin-kai* ou *Sociedade do Povo da Tinta*, de 1952, revolucionou a caligrafia tradicional transformando-a em pintura abstrata gestual.
O grupo quebrou as fronteiras do *shodō,* a caligrafia tradicional, transformando-a em expressão abstrata e gestual. Shiryū Morita, Yūichi Inoue e Sōgen Eguchi, Yoshimichi Sekiya e Bokushi Nakamura compunham o núcleo teórico e prático do grupo.

Morita, Shiryū.

Henri Michaux, poeta e pintor belga também buscou a conexão entre literatura e arte visual. Seus desenhos, muitas vezes chamados de gatafunhos, garatujas ou, simplesmente, rabiscos, uniam sinais e alfabetos imaginários que surgiam da busca pelo inconsciente a partir de movimentos gestuais e estados alterados de consciência gerando imagens que dialogavam com estas duas áreas. Algo que se tornou uma tendência no século XX se estende até hoje.

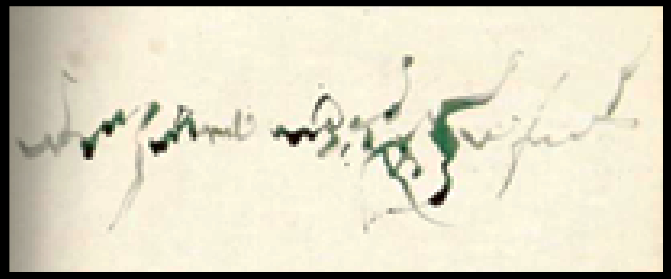


Henrique Michaux, *Desenho de Mescalina*, 1958.

Cy Twombly, explora a escrita entre a imagem e o gesto. Seus traços frenéticos não podem ser lidos como texto convencional já que a ilegibilidade é intencional. A impossibilidade de leitura é usada para transformar a caligrafia em um campo de abstração que evoca memória, tempo e poesia levando a caligrafia ao limite da incompreensão. Roland Barthes descreveu essa ilegibilidade como uma "trapaça ao fascismo da língua“, uma forma de libertar a comunicação dos significados rígidos e literais.

Cy Twombly, *Quattro stagioni I*. *Estate,* 1993 - 1994

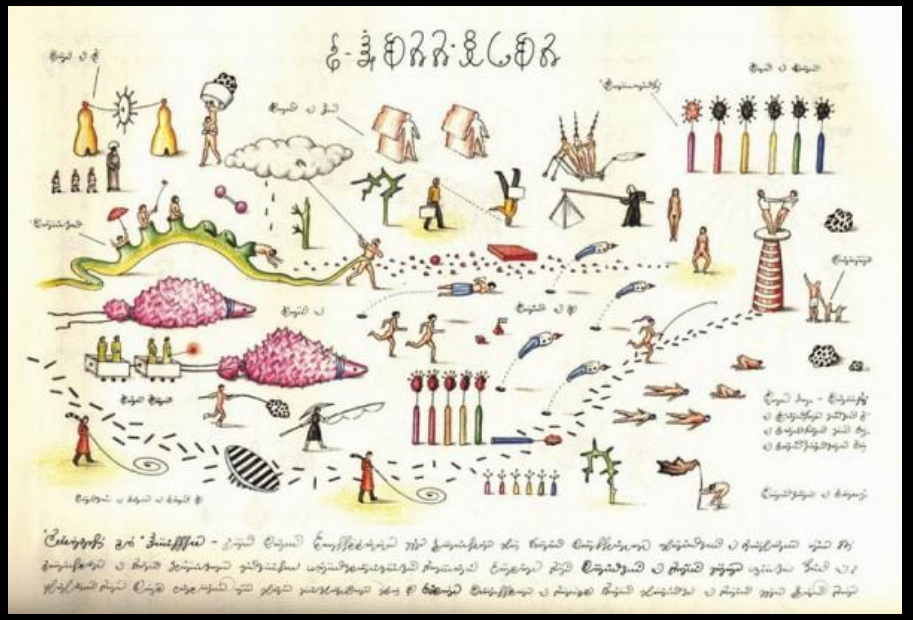
E por falar em Roland Barthes, ele também praticou a escrita Assêmica em suas “*contra-escrituras*”.



Imagens acima: Roland Barthes: artista amador, 31 de março 1974. Fonte: BARTHES, Roland et al. Roland Barthes: artista amador: coleção Romaric Sulger Buel. Rio de Janeiro: CCBB: UFRJ, 1995.

Barthes afirma que imagens possuem múltiplos níveis de sentido. Para entende-las é preciso observar a *Denotação*: o reconhecimento literal do que é visto na imagem e *Conotação***:** o segundo nível de sentido, carregado de cultura, ideologias e emoções que o espectador decodifica e as *Funções Texto-Imagem*: como os dois dialogam. O texto pode ancorar ou direcionar o sentido da imagem ou servir como um revezamento fazendo com que o ir e vir entre texto e imagem gerem sentidos e significações.

Chegando ao extremo do comportamento assêmico, Luigi Serafini, criou o "*Codex Seraphinianus*", entre 1976/78 e o publicou em 1981. Uma enciclopédia visual surrealista de um mundo alternativo, escrita em um alfabeto imaginário e indecifrável. A obra tornou-se um dos livros de arte mais intrigantes do mundo. O Alfabeto ou sistema de escrita é constituído por símbolos curvilíneos e funciona como escrita automática em busca do encantamento, espanto e confusão.



Páginas do "Codex Seraphinianus".

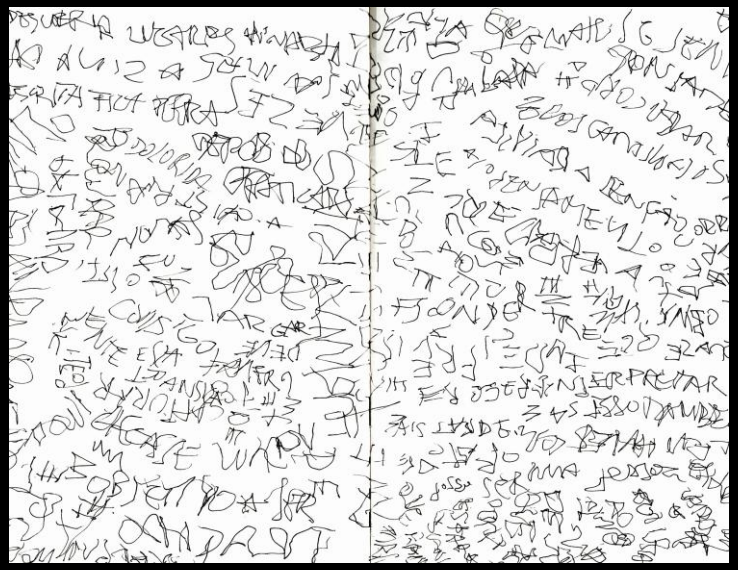
“Jornal Diário 1”, 1972 da artista conceitual argentina Mirtha Dermisache (1940–2012), realizou diversas edições a partir da década de 1960 nas quais as colunas eram preenchidas com signos sem qualquer conteúdo semântico.

Chegando aqui, a tendência Assêmica foi instaurada a partir d Poesia Visual, do Concretismo e, principalmente, do Neoconcretismo e Poema-Processo nas décadas de 1950 e 1960 explorando o grafismo como expressão corporal, espacial e fenomenológica. Artistas como Mira Schendel criou séries de monotipias e papéis de arroz translúcidos contendo letras isoladas, símbolos e linhas indecifráveis, como em *"Escrita Arcaica"* de 1964.

O conceito de "escrita arcaica" ou grafismo primordial conecta-se diretamente à busca por despir a linguagem de significados estritamente literários ou funcionais

León Ferrari, argentino de nascimento, o viveu aqui durante seu exílio político nos anos 1970 e 1980 e produziu várias de suas obras, especialmente as realizadas em nanquim como a Série *"Escrituras"*, cuja aparência simulava cartas deformadas de caligrafia expressionista e política, mas, obviamente, ilegíveis. Ferrari desenha linhas que imitam a caligrafia humana. O gesto gera linhas, emaranhados, texturas e ritmos visuais. O significado textual se torna expressão.

León Ferrari, “Escrita através de olho de agulha”, da série Escrituras deformadas.



Lia Petrelli: Assêmicas.

Uma das artistas que vem se destacando no contexto da Arte ou Escrita Assêmica é Lia Petrelli. Sua pesquisa vem sendo realizadas desde 2015. idealizadora do *Laboratório Experimental das Múltiplas Caligrafias*,(https://www.instagram.com/assemica/) ampliando a discussão acerca da linguagem assêmica e fomentando o cenário da arte-educação a partir de metodologia autoral. Seu objetivo é apresentar a linguagem assêmica através de teorias e técnicas desenvolvidas ao longo do tempo por vários artistas.

Uma das artistas que considero interessante nesse contexto pelo seu percurso é Toko Shinoda.

Nascida em 28 de março de 1913, na Manchúria faleceu em 2021. Aos dois anos sua família voltou ao Japão. Influenciada pelo *Sumiê – Pintura com tinta sumi* e pela caligrafia japonesa passa a praticá-la. A partir de 1945, passa a trabalhar em pinturas abstratas afastando-se da caligrafia, diz: "*Consegui pintar meu trabalho, inicialmente baseado na caligrafia, em novas formas e figuras"...* Com isso, ela chegou ao Expressionismo Abstrato no mesmo momento em que a arte ocidental o difundia.

Tokio Shinoda, “À distância”

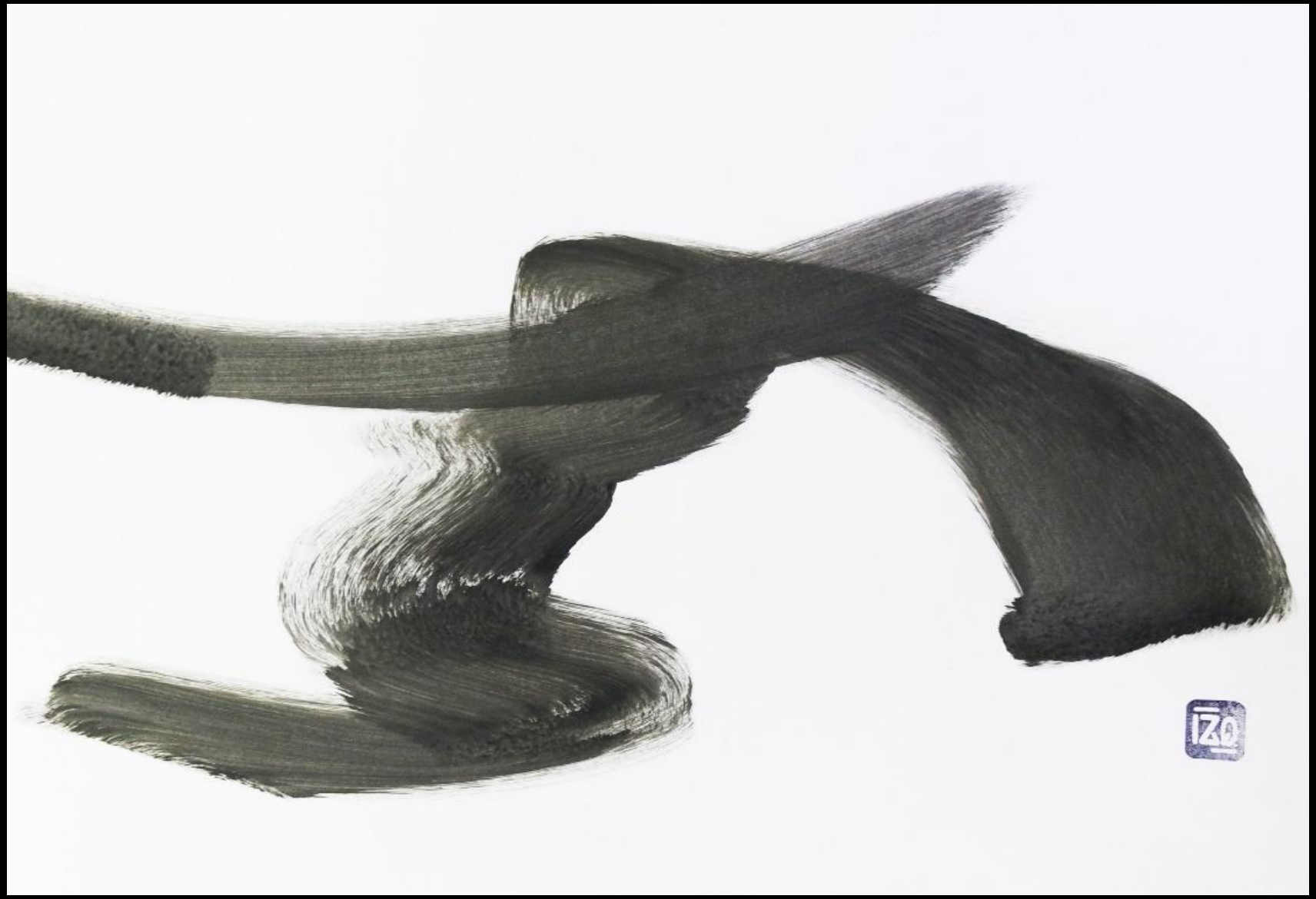
Tokio Shinoda, “Prelúdio Um”

Nos últimos anos têm crescido muito o uso da *Escrita Assêmica* no mundo por parte de artistas e pessoas que adotam este tipo de manifestação. Seja seguindo a trajetória de processos discursivos originários de vários povos ou culturas, como também por meio de sistemas próprios e subjetivos que escondem ou revelam significados e sentidos. É bastante rico o Universo Assêmico atual seja por meio da criação e pesquisa, criatividade ou aleatoriedade.

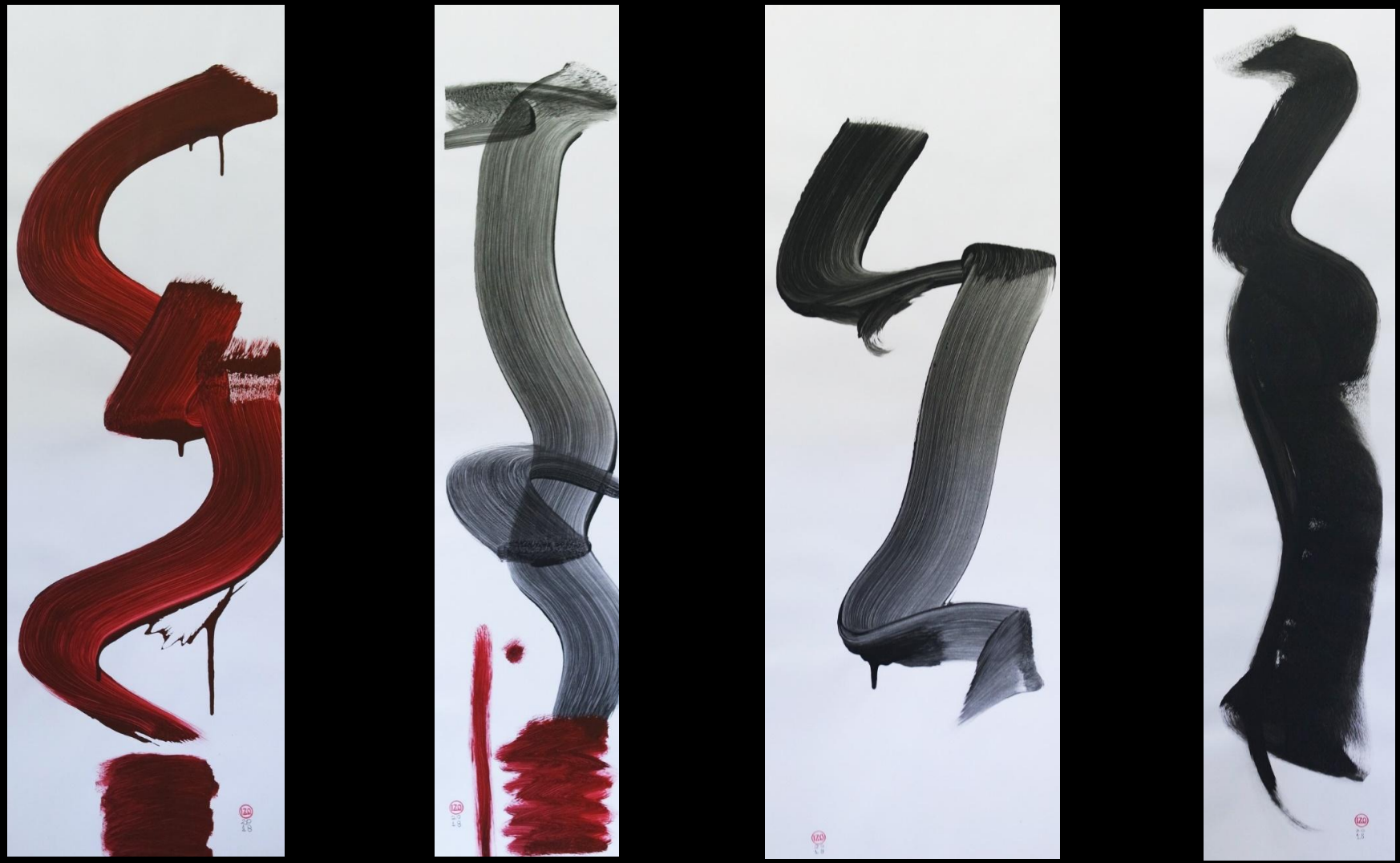
Uma busca em redes sociais encontra vários grupos veiculando seus projetos Assêmicos: *Abstract, Calligraphic, informel*,(https://www.facebook.com/groups/137735933002677 8/); *Assemic Writing*,(https://www.facebook.com/groups/76178850228/); no Pinterest, (https://br.pinterest.com/search/pins/?q=escrita%20ass%C3%AAmica&rs=typed)A Wikpédia têm verbete dedicado a ela há alguns anos(https://en.wikipedia.org/wiki/Asemic_writing) entre outros. Enfim o Universo Assêmico se encontra em franca e constante expansão.

Para fechar a ideia desta Reflexão, devo dizer que não fiquei apenas lamentando minha letra feia, quase Assêmica, mas enveredei por algumas pesquisas, como a caligrafia japonesa do *Sumiê*, à qual me referi acima. Ao mesmo tempo que busquei fugir de minha escrita insólita, me aproximei da expressão possibilitada pela gestualidade.

Isaac, da série "Sumiê"



Isaac, da série “Sumiê”



Isaac, da série “Sumiê”

Neste caso, me aproprio da grafia gestual e me afasto do sentido semântico que as imagens pudessem ter.